

A influência do ambiente familiar na construção músico-vocal infantil: referenciais teóricos mais utilizados na década 2010-2020 e suas contribuições

GTE 04 – Canto Coral: ensino, pesquisa e práticas em diferentes concepções e contextos

Comunicação

Fabício Malaquias-Alves
Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ
fabicio.malaquias@hotmail.com

Isabella Caroline de Lima Barros
Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ
isabellacantolirico@gmail.com

Resumo: Este trabalho procura, por meio de uma revisão bibliográfica, abordar alguns elementos presentes no ambiente familiar, bem como relações estabelecidas na infância, que possam influenciar o desenvolvimento músico-vocal da criança. Busca, portanto, conhecer quais foram os autores mais utilizados como referencial teórico entre os anos 2010 e 2020, em trabalhos que tratam do tema proposto, bem como suas contribuições para as pesquisas publicadas na década em questão. Como resultado, concluiu-se que poucos trabalhos relacionados diretamente ao tema foram publicados nos últimos anos, contudo, as perspectivas evidenciadas mostraram-se de grande importância para que se possa compreender um pouco mais da influência do ambiente familiar no desenvolvimento músico-vocal infantil. Entre os pontos mais frequentemente abordados nas pesquisas encontradas estão: a influência da família e do ambiente no processo de desenvolvimento músico-vocal; a afinação vocal infantil; o canto coral como atividade musicalizadora; e algumas observações a respeito do talento.

Palavras-chave: desenvolvimento músico-vocal infantil; afinação infantil; canto coral

Apresentação

Este texto aborda alguns elementos presentes no ambiente familiar, que podem favorecer o desenvolvimento de habilidades músico-vocais na infância. Trata-se de uma *pesquisa bibliográfica* ou *levantamento bibliográfico*, que busca descobrir, no campo musical, especificamente, não só quais autores têm sido considerados referenciais no que diz respeito ao desenvolvimento músico-vocal infantil, mas também as contribuições que estes têm trazido para as pesquisas mais recentes.

Inicialmente, foi realizada uma busca por teses e dissertações acerca do tema proposto, publicadas entre os anos 2010 e 2020, disponíveis nos repositórios e bibliotecas digitais dos cursos de pós-graduação em música de universidades brasileiras. O recorte temporal justificou-se devido à necessidade de tornar o presente trabalho exequível no decorrer de um período letivo – tempo dedicado à realização do Trabalho de Conclusão de Curso, do qual se origina este texto.

A seleção dos trabalhos realizados na década evidenciada foi norteada, a princípio, por quatro palavras-chave: *afinação infantil, talento, desenvolvimento vocal da criança e musicalidade na infância*. Contudo, ao longo da pesquisa, observou-se a necessidade de acrescentar outros termos que tangenciavam o tema proposto: *coral infantil, voz infantil, coro infantil e desafinação*.

Dado o pequeno volume de trabalhos encontrados decidiu-se por investigar, também, em periódicos referenciais da área de educação musical, especificamente, as revistas da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), e da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), bem como nas listas de referências bibliográficas presentes nos trabalhos encontrados inicialmente, além de outras ferramentas de busca, como o site *Google Acadêmico*, na expectativa de encontrar mais trabalhos que pudessem colaborar com a nossa pesquisa.

Ainda assim, no que tange a aspectos quantitativos, a busca pôde evidenciar poucos títulos referentes aos termos e palavras-chave pré-estabelecidos. Com relação aos aspectos qualitativos, percebemos que poucas pesquisas possuíam uma relação direta com as indagações do presente trabalho.

O cruzamento dos dados permitiu conhecer quais obras e autores foram mais utilizados, na década 2010-2020, como referencial teórico para estudos que tratam do desenvolvimento músico-vocal infantil e da influência do ambiente familiar em tal processo. Foram eles: Violeta Hemsy de Gainza (1988), Lev Vygotsky (1978), Silvia Sobreira (2003), Jean Ashworth Bartle (2003), Rita Fucci Amato (2007), Beatriz Ilari (2003).

Outras pesquisas mais centradas em aspectos cognitivos da música ou que tratam de educação musical de uma forma mais abrangente, também foram evidenciadas pela busca. Podemos citar trabalhos amparados em importantes referenciais do ensino musical, a saber, R. Murray Schafer (1991), Esther Beyer (1995), Keith Swanwick (2005), Francis Galton (1888), Edgar Willems (1969) e Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (2008). Entretanto,

também percebemos que algumas dessas pesquisas não dialogam diretamente com o nosso recorte temático. Assim, embora aconselhem a leitura desses trabalhos, eles não foram pormenorizados nas seções que dedicamos à análise dos resultados. Esses textos foram, contudo, citados em nosso estudo, à medida que isso se mostrou pertinente. Igualmente, foram acrescentadas outras contribuições que se revelaram enriquecedoras para a pesquisa.

Sobre música na infância, desenvolvimento do canto infantil, e sua relação com o ambiente familiar

O educador musical japonês Shinichi Suzuki (1898-1998), percebeu o quanto um adulto sentia dificuldades em aprender um novo idioma, enquanto as crianças aprendiam facilmente a linguagem nativa. Observou, assim, que todo indivíduo aprende a língua materna através de influências do ambiente, e desse modo, buscou mecanismos para ensinar outras atividades complexas também de forma natural. Suzuki (1994, p. 12) afirma que, “não é a hereditariedade que nos molda, e sim, o meio”. Entretanto, faz-se necessário que o ambiente seja propício para esse desenvolvimento.

Vale ressaltar, que as afirmações de Suzuki (1994) partem de uma metodologia baseada na observação, mas também derivam de um processo bastante intuitivo. Portanto, utiliza-se a sociologia e a psicologia da educação para fornecer contribuições que possam colaborar com as indagações relacionadas ao tema aqui proposto.

Para Lev Vygotsky (1935), a construção do aprendizado se dá pela interação do indivíduo com as pessoas ao seu redor. Segundo o psicólogo, as crianças podem realizar atividades complexas, auxiliadas por outras pessoas, alcançando um nível superior de desenvolvimento. Porém, os resultados não seriam os mesmos se agissem isoladamente. Além disso, as teorias de Vygotsky (1935) atribuem ao professor um papel importante no desenvolvimento da criança, demonstrando que o aprendizado e os primeiros contatos de experiência na infância devem ser mediados por um adulto.

Fucci Amato (2008) analisou biografias de importantes músicos brasileiros, demonstrando como a carreira musical desses artistas beneficiou-se da influência do ambiente familiar para seu desenvolvimento ao longo dos anos. Entre os músicos contemplados pela pesquisa, a autora cita a trajetória de Antônio Carlos Gomes (1836-1896) e Heitor Villa-Lobos (1887-1959), ambos pertencentes a famílias cuja tradição musical vinha

de antepassados. A autora ressalta o papel do ambiente culturalmente rico no desenvolvimento artístico-musical do indivíduo:

Assim, pôde ser notado o fato de que o ambiente cultural influi decisivamente na formação do indivíduo, que, ao ouvir música via discos, rádio ou por meio da interpretação das pessoas que compõem o círculo familiar (pais, irmãos, tios, babás, etc.), é inserido no universo musical, desenvolvendo sua cognição voltada à compreensão do fenômeno artístico, que pode ser, futuramente, tomado como linha diretriz de sua vida. (FUCCI AMATO, 2008, p. 95).

Convém lembrar que o ambiente cultural não se restringe à família, mas abrange também a escola e a comunidade como um todo. Contudo, partindo de um ponto de vista psicológico, Gainza (1988) chama a atenção para aspectos específicos presentes na relação pais/filhos, música e aprendizado. Nesse contexto, a autora alerta para a possibilidade de outra situação extrema: a imposição da família idealizando a música para os filhos. Gainza retrata a frustração de pais que não puderam aprender um instrumento musical enquanto crianças e, dessa forma, impõem aos seus filhos a obrigatoriedade do aprendizado de um instrumento a qualquer custo. Para a autora, o papel dos pais no desenvolvimento musical dos filhos não está na obrigação de impor o aprendizado musical, mas sim, em orientar e apoiar esse percurso (GAINZA, 1988, p. 57).

Para a mesma a autora, ao longo dos anos, a criança começa a se soltar da situação de simbiose – relação afetiva entre duas pessoas –, entendendo, assim, o significado da música para ela. Desse modo, descobrirá em qual campo musical deseja seguir, seja compor, ouvir, tocar, e principalmente, poderá refletir se aquela foi uma escolha individual ou uma influência externa imposta (GAINZA, 1988, p. 56), optando, quem sabe, por sequer seguir na carreira musical.

Beatriz Ilari (2020) traz contribuições específicas acerca da influência do ambiente na construção músico-vocal da criança. Para a autora, o desenvolvimento do canto infantil se dá por vários fatores, incluindo o meio em que a criança vive. Além disso, ressalta que, em culturas onde o canto se torna uma atividade valorizada no dia a dia, as pessoas tendem a se sentir propensas a dedicar mais tempo e atenção durante esse processo, e, conseqüentemente, terão mais motivação para cantar. Por outro lado, sociedades em que o canto é visto como uma atividade para escolhidos, as oportunidades para a prática se

tornam de alguma forma reduzidas, e, igualmente, reduzem-se a motivação, o tempo e a dedicação ao ato de cantar (ILARI, 2020, p. 173).

Nesse sentido, Ilari (2020), ressalta um estudo realizado por Kelley e Sutton-Smith (1983) quando, ao observarem três crianças – do nascimento aos dois anos de idade, crescidas em ambientes e famílias diferentes – puderam relacionar a influência do meio familiar em seu desenvolvimento músico-vocal. Na primeira criança, cujos pais eram músicos profissionais, observaram-se resultados envolvendo produções vocais precoces altamente elaboradas. A segunda criança, cujos pais tinham apenas inclinações musicais, também apresentou interessantes resultados envolvendo produções vocais, entretanto, menos elaboradas em relação à primeira. Por fim, no terceiro caso, em que a criança não possuía influência musical direta, esta não se envolveu em tantas produções vocais, e mesmo quando elas aconteceram, tais vocalizações foram mais simples e soaram menos parecidas com o canto. Esse estudo parece ter sido um dos primeiros a amparar a ideia de que ambientes musicalmente ricos influenciam diretamente na construção vocal do indivíduo (ILARI, 2020, p. 174).

Segundo a autora, as crianças aprendem a cantar tendo como modelo os pais/cuidadores, família e membros da comunidade, através de canções reproduzidas por eles. O conjunto de ritmo, afinação e fraseado, próprio do canto direcionado para crianças, expressa emoções e ideias por meio da produção vocal. Tal comportamento tem impacto direto no desenvolvimento do canto das crianças e na transmissão oral como herança cultural de um povo. Além disso, a família se torna a principal forma de socialização no início da vida, não sendo surpresa que o desenvolvimento do canto tenha suas origens no lar, beneficiando-se, ainda, da sobreposição de conhecimentos da cultura local cotidiana e da transmissão de crenças e valores, que também influenciam nesse processo (ILARI, 2020, p. 173).

Observa-se que um ambiente cultural propício pode influir de forma especial no desenvolvimento músico-vocal infantil, seja pela presença de músicos no círculo familiar, ou mesmo indiretamente, por meio de hábitos cotidianos como o ouvir música através de meios digitais. Essas reflexões são de grande importância uma vez que fornecem indícios para as várias indagações que têm permeado o presente trabalho desde a sua concepção.

Algumas questões sobre o desenvolvimento da afinação na infância

Os trabalhos evidenciados por nossa busca e que tratam do problema da desafinação na infância, estão amparados teoricamente, principalmente, pelas perspectivas sistematizadas por Silvia Sobreira (2003, 2017).

Em consonância com outros importantes educadores e pesquisadores musicais (WELCH, 1985; BANNAN, 1988; STENE, 1969; SALT, 1987; SMITH, 1963; SHELTON, 1969; JONES, 1971), Sobreira (2017) destaca a importância de modelos vocais nessa faixa-etária, discorrendo sobre o papel do professor como figura fundamental no desenvolvimento vocal do aluno. Em outras palavras, alguns indivíduos que se declararam desafinados passaram por traumas na infância através de comentários, críticas e rótulos de professores e familiares, tirando-lhes, assim, a oportunidade de se desenvolverem vocalmente, posição defendida também por Bartle (1993). Contudo, a autora evidencia que mais elementos estão interligados para que seja possível cantar afinadamente como: *a percepção auditiva, a compreensão do tonalismo, a memória e a produção vocal* (WELCH, 1985, p. 4 *apud* SOBREIRA, 2017, p.72).

Sobreira (2017) destaca que o problema da desafinação pode ser corrigido ainda na infância, embora o desenvolvimento da afinação infantil seja um constante processo de evolução, dividido em estágios nos quais, em um extremo se encontra um canto completamente desafinado, e no outro, um canto com domínio.

A autora trata, ainda, da importância da memória musical, e, dessa maneira, ressalta o ambiente familiar como um dos responsáveis pelo tipo de modelo que a criança possa ter (SOBREIRA, 2003, p. 65). Assim, analisando experimentos realizados por Shelton (1969), Sobreira relaciona certas situações presentes no ambiente familiar ao desenvolvimento da memória musical de algumas crianças observadas:

- As crianças tinham a oportunidade de cantar com outros membros da família, especialmente mãe e irmãos;
- As crianças ouviam música em casa com frequência;
- Os pais tinham habilidade de cantar e aprender novas melodias;
- As crianças possuíam suas próprias gravações (escolhidas por elas);
- As crianças eram expostas a uma grande variedade de estilos musicais. (SHELTON, 1969 *apud* SOBREIRA, 2003, p. 66)

Observou-se, ainda, que, as crianças consideradas menos musicais tinham pais que não cantavam ou tocavam algum instrumento musical, sendo a música para eles uma

atividade não essencial, tornando-se um mero acompanhamento para outras ações. Além disso, a autora destaca que as crianças precisam participar das atividades musicais de forma atuante, pois, o fato de apenas frequentar concertos não as torna mais musicais (SOBREIRA, 2003, p. 66). Sobreira (2003) cita uma pesquisa realizada por Apfelstadt (1984), concluindo que os melhores cantores infantis vinham de contextos cujo ambiente familiar possuía um alto ou médio contato com a música, enquanto crianças consideradas desafinadas vinham de ambientes musicalmente baixos ou médios. Assim, ressalta que, de acordo com a pesquisa citada, a criança encorajada a cantar em casa poderá demonstrar mais facilidade e segurança para explorar a própria voz no futuro, estando mais familiarizada com as diferentes alturas das linhas melódicas.

Sobreira (2017) também descreve uma pesquisa realizada por Clare Hall (2012), em contexto australiano, que buscou analisar comportamentos trazidos pelos alunos ainda no primeiro ano escolar, apontando algumas teorias relacionadas com o canto e o sexo da criança. De acordo com a autora, os meninos apresentam maiores dificuldades em cantar por razões psicossociais, enquanto as meninas envolvidas em atividades vocais parecem apresentar um desempenho melhor ao longo da idade. A razão disso, segundo a pesquisa, estaria relacionada a fatores socioculturais e estereótipos criados. Por exemplo, pode-se citar o hábito de associação do canto com o sexo da professora – como um modelo feminino a ser seguido – e o preconceito de que, o canto seria destinado apenas para mulheres. Foi apontado, portanto, que a questão da diferença do desenvolvimento vocal infantil entre os sexos se daria mais pelo fator sociocultural do que pela biologia da criança. Nesse sentido, Sobreira (2017) segue citando as pesquisas de Hall (2012), que demonstram como padrões estereotipados de masculinidade poderiam influenciar a criança e seu desenvolvimento músico-vocal. Tais dados procuraram demonstrar como preconceitos reproduzidos nas próprias crianças, por não aceitarem o canto como uma atividade também masculina, poderiam gerar, inclusive, padrões de atitudes homofóbicas.

(...) na construção do sentido de masculinidade, qualquer comportamento considerado diferente do esperado tende a ser rotulado como feminino e/ou homossexual, gerando padrões de atitudes de homofobia. Assim, alguns meninos podem sofrer bullying ou serem rejeitados pelo grupo. Hall esclarece que, como as atividades de canto não ajudam a construir um sentido de masculinidade, elas acabam sendo tachadas como atividades femininas e, portanto, algo a ser evitado. (HALL, 2012 *apud* SOBREIRA, 2017, p. 86)

Como consequência, a maior parte da literatura analisada por Sobreira (2017, p. 85) e relacionada ao sexo da criança, apresenta que o percentual de meninos desafinados é maior que as meninas, o que estaria relacionado a estereótipos, questões socioculturais e psicológicas, não tendo relação com o aparelho fonador masculino. No entanto, faz-se necessário conhecer outras realidades, inclusive brasileiras, a fim de clarificar as especificidades de cada contexto. Porém, enquanto professores de coro infantil, percebemos, sim, um menor número de meninos, em relação às meninas, o que nos leva a refletir sobre as questões culturais envolvidas nesse processo, e anteriormente apontadas por Sobreira.

Portanto, as perspectivas analisadas apontam que o ambiente familiar pode colaborar tanto para o desenvolvimento músico-vocal das crianças quanto para a desconstrução de preconceitos que impedem uma livre expressão vocal infantil. Contudo, é possível também que o meio social (família, escola, comunidade etc.) possa ser o responsável por traumas gerados ainda na infância dos cantores, interferindo na autoconfiança e em seu desenvolvimento músico-vocal. Ademais, faz-se necessário refletir a respeito de possíveis interferências de ideias machistas estruturais no desenvolvimento vocal, pois, tais preconceitos, cristalizados na sociedade, são reproduzidos nas próprias crianças, podendo gerar novos adultos com pensamentos homofóbicos.

Desenvolvimento músico-vocal de crianças e canto coral infantil

Os textos compreendidos nesse eixo temático trazem como principais referenciais teóricos Jean Bartle (1993), Silvia Sobreira (2003) e Marisa Fonterrada (2008), acerca do desenvolvimento músico-vocal das crianças em relação à prática do canto coral infantil.

Segundo Bartle (1993), durante o desenvolvimento vocal, a criança inicia o seu aprendizado através da imitação de sons do ambiente. Nesse sentido, faz-se necessária a presença de um primoroso modelo vocal a ser seguido e imitado. No processo de musicalização por meio do canto coral, o modelo a ser seguido será o regente. Entretanto, caso ele não seja um cantor, as crianças poderão ser influenciadas pela voz de outra criança. Bartle sugere que, nessa situação, uma terceira pessoa deverá ser convidada para essa função. Fonterrada (2008) também enfatiza a importância da imitação para o desenvolvimento musical da criança, apontando que, nas culturas africanas, todas as

crianças são consideradas musicais. Todavia, algumas podem apresentar maior dificuldade que as outras, e nesse sentido, o papel do mestre ou grupo, através da imitação, se torna extremamente importante.

No que diz respeito ao repertório, Bartle (1993) indica que a escolha deve ser realizada de forma cautelosa e consciente, pois, um repertório ruim pode prejudicar o desenvolvimento vocal dos alunos.

A autora destaca que a maior parte das pessoas pode ser treinada para cantar, dando-se a devida atenção, àquelas que possuem algum problema fisiológico na voz.

Durante a prática do canto coral infantil, é importante investigar alguns pontos fundamentais para a solução de problemas e o sucesso do grupo. Diante disso, Bartle (1993) enfatiza a afinação como um dos principais desafios para um regente de coro infantil, apontando razões pelas quais um indivíduo tem dificuldades para afinar, sendo: a inexperiência; a imaturidade; os modelos pobres; a memória auditiva não desenvolvida; a falta de motivação e interesse; as diferenças culturais; além de problemas fisiológicos ou psicológicos (BARTLE, 1993, p. 14). Percebemos, assim, como os pensamentos de Bartle (1993) dialogam com o que foi exposto no segmento anterior.

Sobreira (2003), por sua vez, alerta para algumas dificuldades do canto coletivo na infância. Segundo a autora, as crianças possuem mais facilidade para cantar afinado individualmente. Além disso, ao que parece, os meninos se sentem mais afetados pela presença de outras pessoas do que as meninas (SOBREIRA, 2003, p. 92). Sobreira (2003), destaca, ainda, que alguns autores (MOORE, 1991; JOYNER, 1968) colocam o canto coletivo como um ato que pode confundir certas crianças, pois, o fato de cantar juntas, impossibilita o ouvir individualmente. Segunda a autora, “a presença das vibrações acústicas causadas pelas vozes de outras crianças pode impedir as crianças de se ouvirem e, portanto, de se monitorarem para controlar a afinação.” (SOBREIRA, 2003, p. 91).

Por fim, Bartle (1993) insiste que ajudar uma criança a cantar afinado em conjunto será um dos maiores desafios de um regente. Todavia, tal processo deve ser realizado com paciência, por meio de exercícios musicais que ajudarão no desenvolvimento auditivo e vocal desses alunos.

Compreendendo os riscos e identificando a eventual necessidade de intervenção individual para algumas crianças, não podemos deixar de ressaltar os benefícios do canto coral no desenvolvimento vocal na infância. Os custos para essa prática são relativamente

baixos, pois, cada indivíduo nasce com o próprio instrumento, e os seus benefícios ajudam na construção vocal infantil e no desenvolvimento interpessoal do indivíduo (FONTERRADA, 2008, p. 200). Ademais, as crianças têm a oportunidade de, através do trabalho em equipe, aprender com os colegas, de tal forma a obter e seguir modelos vocais de outras crianças, pois, como vimos, nessa faixa etária, parece útil para elas ter como referência outro modelo vocal infantil.

Outras contribuições: a questão do talento

A definição dicionarizada de talento, no presente contexto, está relacionada a uma “habilidade natural para a realização de algo”, ou “aptidão inata para uma determinada área, em geral de natureza artística ou criativa”, enquanto o termo “dom” é definido pelo dicionário da língua portuguesa também como “bem espiritual que se considera como o oferecido por Deus; bênção, graça, mercê”.¹ Nessa perspectiva, haveria uma seleção pré-estabelecida: de um lado, os “talentosos” para a música, e, de outro, aqueles que não possuem um “dom” para realizar essa atividade.

Com relação à construção histórica, de viés religioso, acerca do talento, Fucci Amato (2008) nos recorda que:

(...) a religião também contribui para formar a mentalidade de que Deus escolhe algumas pessoas “especiais” para dotá-las de habilidades também especiais. Tais doutrinas teológicas estão enraizadas historicamente no discurso religioso e predominam até a atualidade. No século XVI, durante a Reforma, o calvinismo, por exemplo, pregava em sua doutrina da predestinação, que algumas pessoas eram escolhidas por Deus desde seu nascimento, para a salvação eterna, o que seria possível de ser verificado pelo sucesso econômico e pelos dons que essa pessoa demonstraria ter na vida terrena. (FUCCI AMATO, 2008, p. 82).

No que tange à música, Fucci Amato (2008, p. 82) ressalta que, essa mentalidade, incentivada também pelos meios de comunicação, induz o indivíduo à ideia de que o artista recebe um dom inato, pois já nasceu sabendo cantar, dançar ou tocar. Schroeder (2004) complementa essa constatação:

Vemos, então, que, de modo geral, a falta de consciência de como se dá o processo criativo do músico, de onde vem sua “inspiração”, acaba

¹ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/talento/> Acesso em 04/11/2020.

desembocando em uma série de equívocos e mitificações. Os próprios músicos, com a “naturalização” do comportamento musical pela prática, perdem de vista o seu processo de desenvolvimento e o tomam por “dom”, pensam já ter nascido assim. (SCHROEDER, 2004, p. 117)

Na filosofia, houve correntes que argumentaram sobre predisposições inatas análogas ao conceito de dom – vide Platão, Sócrates e Descartes, por exemplo. Contudo, correntes modernas, que partem de estudos apoiados na antropologia e na sociologia, trazem contribuições que apontam em outra direção daquelas citadas. O francês Pierre Bourdieu (1998) apresenta ideias que se opõem ao senso comum a respeito do talento. Para esse sociólogo, o inatismo se torna uma forma de ideologia atribuída por uma elite para justificar as diferenças econômicas e sociais de um povo, para quem, as classes menos favorecidas, econômica e socialmente, também eram desprovidas de méritos e dons ofertados pela divindade. Contudo, a realidade era que a classe dominante possuía um capital maior para desenvolver e investir na cultura de forma a transmitir o conhecimento musical aos seus descendentes (BOURDIEU, 1998, *apud* FUCCI AMATO, 2008, p. 83).

Penna (2008, p. 29) também sustenta que não se trata de uma sensibilidade dada, empatia, mística ou dom inato, mas trata-se, sobretudo, de uma habilidade construída durante o processo de desenvolvimento de um indivíduo. Para a autora, muitas vezes somos musicalizados de forma não consciente, através das experiências de vida, “o ouvir música (no rádio, no CD, no MP3...), dançar, batucar na mesa de um bar etc. –, experiências estas que funcionam, digamos, como uma forma “espontânea” de se musicalizar” (PENNA, 2008, p. 31).

Fucci Amato (2008) concluiu que, o meio influi na construção cultural do indivíduo, e pôde também comprovar a teoria do *capital cultural* de Bourdieu que demonstra como “a família transmite a seus filhos um conjunto de bens que permite a conservação de uma boa posição social por seus descendentes, tornando possível sua inserção nos grupos sociais de maior prestígio e poder, ao longo do tempo histórico” (FUCCI AMATO, 2008, p. 84). A autora ressalta que essa transmissão de bens também é constituída pelo *capital cultural*. Assim, conclui que tais reflexões contribuem para:

(...) um entendimento objetivo das condições culturais que dão impulso às carreiras artísticas de músicos populares e eruditos, descartando as hipóteses postuladas pela ideologia do dom e por possíveis teorias que prevejam genes de “predisposição” à música. (FUCCI AMATO, 2008, p. 95)

Considerações finais

Este trabalho buscou refletir sobre a influência do ambiente familiar no processo de desenvolvimento músico-vocal infantil, por meio de um levantamento bibliográfico da literatura específica sobre o tema, produzida no Brasil, entre os anos 2010 e 2020. Mais especificamente, procurou evidenciar quais têm sido os referenciais teóricos mais utilizados com relação ao assunto, analisando algumas de suas contribuições. Vale ressaltar que, por se tratar de uma revisão bibliográfica inicial, não se propôs, de maneira alguma, a esgotar o tema apontado.

No que tange a aspectos quantitativos, observamos que as pesquisas sobre o tema não tiveram o mesmo crescimento percebido em outras temáticas, pois, um volume relativamente baixo de trabalhos foi evidenciado, o que nos gera, como interessados da área, certa preocupação. Reconhecemos que o assunto e os termos propostos são muito específicos, e talvez isso justifique, em parte, o baixo volume de trabalhos encontrados. No que diz respeito aos referenciais mais citados durante os últimos anos, pode-se notar que nem todos tratam de aspectos sociais ou psicossociais, mas também de aspectos cognitivos do desenvolvimento musical ou de educação musical de uma forma mais abrangente. Contudo, os resultados forneceram contribuições fundamentais para esclarecer questões relacionadas ao desenvolvimento músico-vocal infantil e sua relação com o ambiente familiar.

Os trabalhos evidenciados apontaram que um ambiente cultural propício pode influir diretamente – pela presença de músicos no círculo familiar, impulsionando o desenvolvimento vocal na infância – ou indiretamente – por meio de hábitos cotidianos como o ouvir música através de meios digitais, e até mesmo as experiências musicais ao longo da vida. Ademais, alguns autores analisados citam a importância dos professores enquanto modelos e mediadores nessa faixa etária, além da relevância de outras interações, como o canto coletivo, para a obtenção de exemplos vocais.

Sugere-se, para futuras pesquisas, que se lance um olhar mais atento sobre a temática, dado o crescente interesse na voz infantil de um modo geral, e no recente aumento da procura por aulas de canto para crianças, como temos percebido enquanto educadores musicais. Aconselhamos, assim, que se proponham mais pesquisas sobre o

assunto, a fim de promover a sensibilização para um trabalho vocal consciente ainda na infância.

Referências

BARTLE, Jean Asworth. *The Uncertain Singer*. In: BARTLE, Jean Asworth. *Lifeline for Children's Choir Directors*. rev. Toronto: Gordon V. Thompson Music, 1993.

_____. *Lifeline for Children's Choir Directors*. rev. Canada; Gordon V. Thompson, 1993.

_____. BARTLE. Jean Ashworth. *Sound advice: becoming a better children's choir conductor*. New York: Oxford University Press, 2003.

BEYER, Esther. *Os múltiplos desenvolvimentos cognitivo-musicais e sua influência sobre a educação musical*. Revista da ABEM, v. 2, n. 2, p.53-67, 1995.

BORGES, Glaucia de Andrade. *SUZUKI E A EDUCAÇÃO DO TALENTO*. Revista Modus UEMG. Belo Horizonte. Novembro/2006.

BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. Trad. Aparecida Joly Gouveia. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*, p. 39-64. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998a.

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2003.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. 2ª Ed. São Paulo, UNESP; Rio de Janeiro, Funarte, 2008.

FUCCI AMATO, Rita. *O canto coral como prática sócio-cultural e educativo musical*. Opus, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, Jun. 2007.

_____. *Capital cultural versus dom inato: questionando sociologicamente a trajetória musical de compositores e intérpretes brasileiros*. Opus – ANPPOM. 2008.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de psicopedagogia musical*. 3.ed. São Paulo: Summus, 1988.

GALTON, Francis. *Co-relations and their measurement, chiefly from anthropometric data*. Proceedings of the Royal Society of London, v.45, p.135-145, 1888.

ILARI, B. *Perception, Vocal Production, and the Development of Singing: Introduction to Part II* In: A. Russo, F., Ilari, B., & Cohen, A.J. (2020). *The Routledge Companion to Interdisciplinary Studies in Singing: Volume I: Development* (1st ed.). Routledge. P. 169-178.

_____. *A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical*. Revista da ABEM, v.11, n.9, p.7-16, 2003.

PENNA, Maura. *Reavaliações e buscas em musicalização*. São Paulo, Loyola, 1990.

_____. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

SCHROEDER, Sílvia Cordeiro Nassif. *O músico: desconstruindo mitos*. Unicamp. 2004.

SOBREIRA, Silvia Garcia. *Desafinação vocal/Silvia Garcia Sobreira*. – 2ª ed. – Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Se você disser que eu desafino* [Recurso eletrônico] / Silvia Sobreira (organização); textos de Graham Welch, Karen Wise, Bruno Boechat e Silvia Sobreira. – [Rio de Janeiro: UNIRIO : Instituto Villa-Lobos, 2017]. 1 EBOOK.

SUZUKI, S. *Educação é amor: um novo método de educação*/ Shinichi Suzuki: tradução de Anne Corinna Gottber. – 2. Ed. rev. e corr. – Santa Maria: Pallotti, 1994. 104 p.: il.

SWANWICK, Keith. *Musical knowledge: intuition, analysis and music education*. London: Routledge, 2004.

VYGOTSKY, Lev. *Mind in society: the developmental of higher psychological processes*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

_____. (2010). *A questão do meio na pedagogia (M. P. Vinha, trad.)*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. (Trabalho original publicado em 1935)

WILLEMS, Edgar. *Las bases psicológicas da la educación musical*. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1969.

Grandes educadores – Lev Vygotsky. Jornal Mundo Espírita. Paraná, setembro de 2013. Disponível em: <Grandes educadores – Lev Vygotsky | Jornal Mundo Espírita mundoespírita.com.br Acesso em: 24/03/2021.

Talento. Dicionário Michaelis online, Editora Melhoramentos Ltda, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/talento/> Acesso em: 04 Nov. 2020.